

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p003-006](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p003-006)

EDITORIAL

**DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE:
ITINERÁRIOS E INTERFACES**

DEVOTIONS IN CONTEMPORARY TIMES:
ITINERARIES AND INTERFACES

DEVOCIONES EN LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA:
ITINERARIOS E INTERFACES

*José Afonso Chaves**

*Newton Darwin de Andrade Cabral***

“Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá”, disse o conhecido cantor e compositor baiano. Sua afirmação guarda uma perenidade que arrebatava. E fascina. Em um olhar mais atento pode surpreender até os mais incrédulos.

Para além de dogmas sedimentados, rituais algumas vezes engessados e defesas exacerbadas de modelos pré-estabelecidos, estão parcelas de povos que caminham e demarcam percursos nos quais, mesmo havendo repetições, há espaço para

* Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Atualmente é o Coordenador do PPGCR-UNICAP. E-mail: afonso.chaves@unicap.br.

** Doutor e Mestre em História, ambos pela Universidade Federal de Pernambuco. Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), da qual é professor titular, pesquisador e coordenador de um Mestrado Interinstitucional entre a UNICAP e a Faculdade Católica de Feira de Santana (BA). E-mail: newton.cabral@unicap.br.

criativas renovações na constância de expressões de fé que estão ‘na manhã, no anoitecer, no calor do verão’ ou, acrescentamos à formulação poética do Gilberto Gil, no frio do inverno.

Nessa plasticidade das vivências religiosas, as práticas de devoção constituem dimensão central da expressão da fé no catolicismo e acompanham quase toda sua história, ainda que suas trajetórias, no que diz respeito ao seu reconhecimento, sejam permeadas por recorrente ambivalência, decorrente do tipo de relacionamento que a hierarquia católica dispensa a essas práticas, ora censurando e condenando, ora absorvendo e reconfigurando seus sentidos e práticas em conformidade com a ortodoxia teológica.

Ainda assim, as devoções têm persistido em constante reelaboração pelas relações que vêm mantendo com o mercado, com a força da imagem e com as novas sensibilidades que irrompem na sociedade contemporânea.

As tentativas de vigiar e colocar nos trilhos doutrinários, ou até de ‘vigiar e punir’ através da imposição de remodelações e/ou via abolição de práticas recorrentes na tradição dos lugares e de suas populações, quase sempre não logram êxito, uma vez que a fé faz cada membro da categoria teológica *povo de Deus* sentir que “certo ou errado até, a fé vai onde quer que eu vá, a pé ou de avião”. A convicção expressa pelo artista é sentida pelos fiéis que, habitualmente, estabelecem suas hierarquias devocionais e preferem, no caso dos católicos, por exemplo, fazer reverências e comunicar-se com seus santos preferidos – na proximidade para com as imagens existentes nas igrejas – que tentar estabelecer conexões espirituais com o Cristo presente nos sacrários, sem que isso lhes cause preocupações, tampouco quaisquer dramas de consciência.

Aqui nos dispensamos de estabelecer comentários sobre a intimidade vivenciada com os santos postos nas casas – em pequenos oratórios, ou isoladamente – que adquirem status de familiares ao dividirem o mesmo espaço e compartilharem a vida...

Dada a polissemia das práticas, a *Paralellus* - Revista de Estudos de Religião, UNICAP, em seu número 36, do volume 15, propôs o Dossiê Devoções na Contemporaneidade, que engloba artigos nos quais práticas devocionais são analisadas abordando temas diretos ou discorrendo sobre algumas de suas interfaces com outros campos, como: 1. tensões na coexistência não pacífica de denominações

religiosas; 2. saúde; 3. política; 4. identidade nacional; 5. cultura; 6. narrativas históricas.

Vejam os:

Vanda Pantoja, em **Expressões religiosas na Amazônia: missionários, padres, pastores e leigos no Marajó**, problematiza o crescimento pentecostal na região e estuda as “tensões presentes no processo de adaptação de uma religião à outra, mas também mostra as adaptações do repertório pentecostal frente ao imaginário amazônico, caracterizado pela diversidade de crenças cristãs e não cristãs”.

Ana Patrícia Pires Nales e Ângela Cristina Lopes, em **Mulheres benzedoras, ramos e resistência: um olhar a partir do território da Unidade Básica de Saúde em Londrina-Paraná**, apresentam a compreensão que têm das “práticas tradicionais de cura das benzedoras e sua relação com a Unidade Básica de Saúde” e realizam uma ‘aproximação analítica entre o ser benzedora e a relação do saber de cura de que elas dispõem em contraposição ao saber hegemônico em saúde’.

Emanuel Freitas da Silva e Emerson Sena da Silveira, em **Entre lágrimas e votos, vitória contra o “Império infernal**, adentrando na múltipla seara dos devotamentos para com a Mãe de Jesus, analisam “de que modo uma certa devoção mariana – Nossa Senhora das Lágrimas – foi insistentemente mobilizada pelos carismáticos católicos reacionários durante as eleições presidenciais de 2022 para legitimarem sua oposição a uma das candidaturas e se posicionarem no espectro político”.

Reginaldo Aliçandro Bordin, em **Da Colina de Tepeyac à Catedral de Nova Espanha: o culto à Senhora de Guadalupe na construção da identidade mexicana – século XVI-XVII**, estuda outra pujante devoção mariana – a de Nossa Senhora de Guadalupe – para nela evidenciar a existência de uma dimensão que ultrapassa o sentido estritamente teológico, uma vez que “enraizado nas transformações sociais da Nova Espanha, a Virgem de Guadalupe alicerça o patriotismo e nacionalismo mexicanos”.

Nainôra Maria Barbosa de Freitas, em **A devoção ao Senhor Bom Jesus na Arquidiocese de Ribeirão Preto**, baseada na constatação de que numerosas devoções populares são comuns no Brasil e foram trazidas pelos portugueses durante a época colonial, “estuda o culto ao Senhor Bom Jesus na Arquidiocese de Ribeirão

Preto sob diferentes invocações, como Bom Jesus da Cana Verde, Bom Jesus do Bonfim e Bom Jesus da Lapa”.

Roberta Bivar Carneiro de Campos, em **Religião pública, novos vínculos, novas “armas”**: **Reflexões sobre a construção de uma cultura evangélica brasileira**, explorando vinculações existentes entre religião e cultura, sobretudo através de suas contestações e transbordamentos, analisa “a inabilidade, declarada pelos estudiosos do tema, da religião evangélica relacionar-se com a cultura e, por conseguinte, não fazer parte de um repertório ‘genuinamente’ nacional; como também a relação entre evangélicos e vanguarda artística. E como essas associações articulam, com sucesso ou não, projetos de integração nacional”.

José Afonso Chaves, Newton Darwin de Andrade Cabral e Valdemir de França Souza, em **Devoção e política: o Congresso Eucarístico de 1939 e o fortalecimento de narrativas pró-vencedores**, discutem a instrumentalização de narrativas históricas no âmbito do Terceiro Congresso Eucarístico Nacional (Recife-PE, 1939), para arregimentar massas em torno da devoção eucarística. Demonstram “a preocupação institucional da Igreja em manter-se hegemônica, mesmo em tempos de estado laico, e a importância de, naquele contexto, alimentar o senso comum de que a formação do Brasil enquanto nação está amplamente ligada à fé católica, omitindo, portanto, a importância dos povos originários e africanos para a formação do Brasil”.

Além da temática do Dossiê, outros instigantes artigos estão publicados na seção Temática Livre, além de uma resenha. Ressaltamos que a memória de uma de nossas articulistas, a Profa. Dra. Áurea Marin Burochi (PUC Minas), está aqui reverenciada na publicação – *in memoriam* – de artigo por ela proposto em parceria com a Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira.

Vasto é o mundo das devoções e é gratificante acompanhá-lo em seus múltiplos desdobramentos, na condição de fiéis ou de estudiosos do campo religioso: “mesmo a quem não tem fé, a fé costuma acompanhar, pelo sim, pelo não”.

Somos profundamente gratos aos articulistas que escolheram a nossa Paralellus. Igualmente agradecemos aos nossos imprescindíveis parceiros: os pareceristas *ad hoc*.

A todos os que acompanham a nossa Revista, desejamos boa leitura!